

A participação infantil no jornalismo brasileiro: Uma análise do Repórter Rá Teen Bum¹

Elisângela Marinho BEZERRA²

Luís Augusto MENDES³

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba

RESUMO

Este trabalho teve como proposta analisar o Repórter Rá Teen Bum, programa de informação para crianças exibido na TV Rá Tim Bum, de 2016 a 2018. Para atingir o intuito deste estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Para compor o corpus, foram escolhidos o material do programa 1 e do programa 36, primeiro e último episódios postados. O objetivo foi perceber como se dava a participação infantil nos conteúdos produzidos pelo Repórter Rá Teen Bum, por meio de uma análise descritiva dos programas, a partir da defesa do protagonismo infantil apontado pela Sociologia da Infância. Observou-se um protagonismo infantojuvenil nos conteúdos, ao visualizarmos crianças e adolescentes sendo entrevistadas e na função de repórter e apresentador.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Crianças; Adolescentes; Infância; Repórter Rá Teen Bum.

Introdução

O jornalismo tem como base fazer conhecer, levar informação à população e a ela dar voz, mas assim como na sociedade de um modo geral, o público infanto-juvenil é excluído da narrativa jornalística. Raramente vemos crianças sendo entrevistadas mesmo sobre assuntos que as afetam diretamente, ressaltando que todos os acontecimentos alcançam de alguma forma esse grupo. Suas falas são sempre intermediadas por adultos, como se essas não fossem capazes de se expressarem, o que é um grande equívoco.

As crianças e adolescentes têm capacidade para expor suas opiniões e se espaço tivessem no jornalismo certamente contribuiriam com os discursos construídos. É

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no programa de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail elisabmjornalista@gmail.com.

³ Professor do Mestrado em Jornalismo da UFPB. Mestre e doutor em Psicologia Social. e-mail luisaugustomendes@gmail.com.

importante ter em mente que o jornalismo impacta a vida das pessoas, inclusive, das crianças, e por isso precisamos considerá-las como audiência, mas não uma audiência passiva, e sim uma audiência com capacidade de ajudar na elaboração do material, com suas percepções e histórias. Mas é preciso ouvi-las respeitando suas visões de mundo, que não são nem melhores e nem piores que as dos adultos, apenas diferentes.

A participação da infância no jornalismo é um direito, assegurado em 1989 na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia-Geral da ONU (Organização das Nações Unidas) e assinada pelo Brasil em 1990.

Art.13.1- A criança terá direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo, independentemente de fronteiras, de forma oral, escrita ou impressa, por meio das artes ou de qualquer outro meio escolhido pela criança (UNICEF, 1989).

Mais do que incluir a criança na narrativa jornalística, garantindo seu direito de participação, devemos também nos preocupar em oferecer um jornalismo feito para elas, que respeitando as especificidades deste momento da vida, possam ajudá-las a compreender o mundo em que vivem. Esse também foi um assunto tratado na Convenção. Há uma escassez de jornalismo para crianças no Brasil. Por isso este trabalho apresenta e analisa um exemplo de jornalismo infantil, mas não um jornalismo que apenas oferece informações para o infante, mas um jornalismo que tem as crianças como suas protagonistas.

O objeto de estudo é o Repórter Rá Teen Bum, que passava nas noites de sábado e domingos às 20h15, na TV Rá Tim Bum. A produção era feita pela equipe da própria emissora e da TV Cultura, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). A iniciativa na verdade foi do grupo Wadada News for Kid⁴, da ONG holandesa de mídia Free Press Unlimited. Um trabalho que é feito também em diversos outros países, onde através de parcerias são ofertados conteúdos jornalísticos na perspectiva dos jovens.

No Brasil, o programa que tinha como público crianças de seis a dez anos de idade, foi exibido de 2016 a 2018 e embora findada sua produção todos os episódios podem ser encontrados no canal do YouTube da TV Rá Tim Bum⁵. Lançamos um olhar

⁴ Disponível em: <https://www.freepressunlimited.org/en/wadada-news>. Acesso em: 26/02/2022

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum>. Acesso em: 26/02/2022

sobre a participação do infante no objeto de estudo e propomos uma pergunta: como a presença das crianças no jornalismo pode promover o protagonismo infantil? O objetivo geral é compreender como acontecia essa participação e para alcançar a resposta tivemos como objetivos específicos realizar uma análise descritiva, do programa 1⁶ e do programa 36⁷, primeiro e último episódios postados.

Utilizamos, uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Também recorreremos a método bibliográfico para fazer um resgate do que já foi produzido para criança no Brasil, quando falamos em jornalismo infantil e fizemos uma revisão de literatura da Sociologia da Infância. Observou-se que a inclusão da criança nos conteúdos noticiosos do Repórter Rá-Teen-Bum é uma demonstração do quanto o jornalismo pode contribuir para a cidadania infantil.

Jornalismo infantil no Brasil

Não é possível traçar uma história totalmente detalhada e fiel sobre o jornalismo para crianças no Brasil, mas desejamos evidenciar algumas experiências. A imprensa escrita (revistas e jornais) foram os que mais ofertaram conteúdos informativos para o público infantil ao longo dos anos. Na investigação de Leonardo Arroyo para a obra Literatura infantil brasileira, ele data o noticiário baiano O Adolescente, de 1831, como o primeiro jornal infantil do Brasil (ARROYO, 2011, p. 179 e 180). Muitos outros surgiram, inclusive dentro das escolas, já que até hoje os jornais impressos são usados como ferramenta pedagógica, para promoção da leitura e escrita.

Mas foi a revista O Tico-Tico, que marcou o início do jornalismo para crianças em nosso país. O periódico circulou de 1905 a 1957, semanalmente, no Rio de Janeiro. O Tico-Tico trazia histórias em quadrinhos, educativas, notícias e curiosidades. Outros formatos semelhantes apareceram e mesmo os que não alcançaram grande público, tiveram um papel importante na construção dessa história, como o jornal A Voz da Infância, produzido de 1936 a 1948 pelas crianças frequentadoras da Biblioteca Infantil da cidade de São Paulo. O que mais nos chamou atenção neste produto, é que toda sua

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=y6Y_aMKsj9U. Acesso em: 26/02/2022

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BymED1fJsn0>. Acesso em: 26/02/2022

produção era feita pelo público infantil, um jornal escrito para as crianças e pelas crianças (TAVARES, 2016).

Ainda dentro dessa mídia impressa tivemos cadernos infantis em grandes jornais do país, como Folhinha (Folha de São Paulo); Estadinho (Estado de São Paulo); e Globinho (O Globo), sendo esse último o mais antigo, surgido em 1938 (DORETTO, 2010, p.45). Nenhum dos três existe mais, todos migraram para uma página na web, mas apenas a Folhinha, que deixou de ser impressa em 2016, ainda tem atualizações.

A respeito das revistas temos ainda em circulação talvez a mais conhecida delas, a *Recreio*⁸, única revista semanal direcionada ao público infantil. Hoje editada pela Editora Caras, sua primeira edição saiu em 1969, mas o projeto a qual temos acesso atualmente nasceu em 2000. Ela vem sempre acompanhada de um brinquedo e traz entretenimento e informação. A *Ciência Hoje das Crianças*⁹ também é uma revista direcionada exclusivamente a este grupo, mas totalmente segmentada, pois fala apenas sobre ciências. Ela chega ao seu público, em especial através de unidades educacionais, pois está presente em mais de 60 mil bibliotecas de escolas públicas do país (FURTADO, 2013).

E a partir de uma pesquisa nossa feita para este trabalho, encontramos o *Jornal Joca*¹⁰, que desde 2011 se intitula o único jornal do país para jovens e crianças. Ele é veiculado quinzenalmente e produzido pela Editora Magia de Ler. A criadora do projeto, Stéphanie Habrich disse em 2018, ao *Centro Knight*¹¹, que o jornal chega a cerca de 200 escolas. Eles trabalham com pautas frias e quentes, buscando explicar para o público infantil o que está acontecendo no Brasil e no mundo. O *Joca* possui, ainda, site, canal no YouTube (TV Joca) e podcasts (*Revisteen*, em parceria com a CBN; *Saiu no Joca, Prô!*; e *Papo Joca*).

Outro ponto interessante no *Joca* é que às vezes é possível encontrar crianças nas figuras de repórteres e editores-mirins. Segundo a reportagem “Como produzir notícias para jovens leitores?”¹², do *Blog Jornalismo nas Américas*, tratam-se de consumidores da publicação que são convidados ou mandam voluntariamente ideias de pautas ou até textos já prontos. A Giulia Martins Rebelli, de oito anos, que atuou como editora-mirim,

⁸ Disponível em: <https://recreio.uol.com.br/>. Acesso em: 26/02/2022

⁹ Disponível em: <http://chc.org.br/>. Acesso em: 26/02/2022

¹⁰ Disponível em: <https://www.jornaljoca.com.br/>. Acesso em: 26/02/2022

¹¹ Disponível em: <https://www.sjssp.org.br/noticias/como-produzir-noticias-para-jovens-leitores-4317>. Acesso em: 26/02/2022

¹² Disponível em: <https://www.sjssp.org.br/noticias/como-produzir-noticias-para-jovens-leitores-4317>. Acesso em: 26/02/2022

falou da importância de haver jornalismo para crianças. “Algumas pessoas acham que só adulto pode ler jornal, que as notícias são só para adultos. Foi uma ideia muito boa fazer um jornal para crianças, daí a gente fica sabendo das notícias”, disse.

No rádio as experiências são praticamente inexistentes, mas mencionamos o Unespina, da Rádio Unesp, vinculada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), transmitido em Bauru e região. O programa que vai ao ar aos domingos, das 9h às 10h, toca músicas e aborda uma temática em cada edição, discutida na forma de notas, comentários e dicas (CUSTÓDIO; MACIEL, 2020, p.345).

Na TV, a experiência mais exitosa foi o Globinho¹³, exibido pela rede Globo, de 1972 a 1982. Ao longo desse período o programa teve vários formatos e diferentes dias, horários e durações de apresentações. Nele era possível ver ilustração de notícias, exibição de filmes, desenhos animados, concursos de fotografias e indicações de leituras. O Globinho ficou marcado com a apresentação da jornalista Paula Saldanha, que teve ao seu lado o macaquinho Loiola (um boneco fantoche) (PEREIRA, 2018).

Como mencionamos no início deste tópico, não é possível fazer um resgate fiel do que foi produzido e do que há quando falamos em jornalismo para crianças. É fato que existem outras iniciativas além das que aqui pontuamos. Mas também não é muito difícil perceber a escassez de jornalismo infantil no Brasil e como eles são cada vez mais raros. Se faz urgente a discussão da necessidade de conteúdos informativos para o infante.

Sociologia da infância

As crianças sempre tiveram espaço nos estudos da pedagogia e psicologia, a primeira com foco escolar e a segunda no desenvolvimento psíquico. Ambas nos oferecem recursos para compreender melhor essas pessoas que estão no começo da vida, mas foi na Sociologia da Infância (SI) que encontramos uma base para fincar um entendimento que já possuíamos a respeito desse grupo, já que abrigou esse tema no discurso sociológico e tem tentado dar conta de sua complexidade, percebendo a infância como algo socialmente e culturalmente produzido.

¹³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/globinho/>. Acesso em: 26/02/2022

A primeira diferença que notamos na SI é a forma como o fenômeno infância é tratado, sendo vista como estrutura social, não como uma fase. Não passa, não acaba, as pessoas é que saem dela, mas outras entram, ou seja, ela nunca deixa de existir. E com esse entendimento os pesquisadores da área a interpretam como uma realidade que foi construída, inclusive, já tendo tido diversas interpretações. Sendo assim, não é possível compreender a infância sem levar em conta o movimento que ela fez ao longo da história e faz no presente.

Segundo Philippe Ariès (2011) a ideia de infância não existia na Idade Média. Para o historiador francês, foi a partir dos anos 1200, com mais intensidade entre 1500 e 1700, que a separação até mesmo sentimental entre criança e adulto ocorreu, com a ida às escolas, o uso de termos específicos no vocabulário e em documentos e representações artísticas (PEREIRA, 2018, p.22).

É importante mencionar que a SI apresenta diversas teorias e vertentes e não iremos aqui discutir as diferenças de cada uma, pois extrapolam os propósitos deste artigo. Para facilitar, pensemos como um campo que está em constituição. Mas, a fim de uma melhor compreensão, traremos a classificação de Sarmento e Marchi (2008) que categorizam as correntes teóricas da Sociologia da Infância em: estrutural, interpretativa e crítica.

A estrutural coloca ênfase na infância como categoria geracional e leva em consideração indicadores demográficos, econômicos e sociais. O objetivo é saber como a infância se relaciona com as outras categorias geracionais e de que modo essas relações afetam as estruturas sociais. Métodos estatísticos e estudos documentais são sempre utilizados nesta corrente (p.3). Um dos principais pesquisadores desta vertente é Jens Qvortrup (1994), responsável pela constituição do primeiro grupo de pesquisa no campo da Sociologia da Infância. O autor publicou um conjunto de relatórios sobre a situação das crianças em vários países.

A segunda corrente tem como abordagem central o conceito de “reprodução interpretativa” de William Corsaro (1997), que fala sobre a construção de processos de subjetivação elaborados pelas crianças sobre seus mundos. Ou seja, como o infante interpreta e transforma a herança cultural que recebe. Para alcançar suas respostas, essa corrente recorre a estudos qualitativos, como os etnográficos. Já a abordagem crítica defende que a infância é um grupo social oprimido, que vive condições de exclusão,

nesse caso a SI deve contribuir para sua emancipação social. Aqui é feito um trabalho investigativo, por vezes através de estudos aplicados.

Nos chama a atenção a teoria da reprodução interpretativa, já que muitas vezes o público infantil é tratado como um balão vazio, onde precisamos apenas enchê-los do que consideramos correto e a mágica da reprodução acontecerá. Assim como Corsaro (1997), acreditamos que as crianças fazem elaborações e interpretam aquilo que recebem, a partir de muitos fatores: social, gênero, raça, entre tantos outros. Esse é um dos principais pontos que devemos pensar enquanto comunicadores.

É importante lembrar que excluir não é proteger, não é tirando a criança da narrativa jornalística e não a considerando como audiência que iremos garantir isso. O direito de proteção não anula o de participação. “Não se trata aqui de simplesmente opor uma ideologia subjacente da proteção a uma ideologia da autodeterminação, mas trata-se de compreender aquilo que a criança faz de si e aquilo que se faz dela, e não simplesmente aquilo que as instituições inventam para ela”. (SIROTA, 2001, p.28). A Sociologia da Infância tem como um dos seus pilares a necessidade de dar voz às crianças, de tratá-las como cidadãos no presente, assegurando o lugar ativo que merecem e que é seu por direito.

Repórter Rá Teen Bum

O Repórter Rá Teen Bum é uma iniciativa do grupo Wadada News for Kid. O projeto do Wadada foi criado em 2004 pela organização holandesa de mídia Free Press Unlimited. Segundo seu site, trata-se de uma cooperação internacional entre mídias que cria programas de vídeo e áudio em mais de 20 países. Os conteúdos produzidos trazem notícias, opiniões e histórias na perspectiva dos jovens. O editor-chefe de Wadada, Jan-Willem Bult, em entrevista em 2018 ao Centro Knight¹⁴, disse que o Wadada busca reparar o dano que o jornalismo tradicional causa nas crianças, apresentando notícias numa perspectiva mais apropriada à percepção infantil.

Ele explica que as pessoas que produzem os programas são independentes, mas fazem parte de uma rede e por isso tem que respeitar alguns padrões de qualidade, mas também têm espaço para inventar. Segundo ele, alguns programas são mais hard news,

¹⁴ Disponível em: <https://www.sjsp.org.br/noticias/como-produzir-noticias-para-jovens-leitores-4317>. Acesso em: 26/02/2022.

outros são mais uma mistura entre notícias e revista e independentemente do tema, sempre trazem o fator da alegria, algo positivo.

No Brasil, a cooperação aconteceu através da TV Rá Tim Bum, quando o programa foi exibido durante três anos: de 2016 a 2018. A produção era feita pela equipe da própria emissora e da TV Cultura, ambas ligadas à Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa). Tanto o nome do programa como da TV se devem ao Castelo Rá Tim Bum, um dos programas infantis mais marcantes da TV brasileira.

O Repórter Rá Teen Bum era exibido nas noites de sábado e domingos às 20h15, tendo como público crianças de seis a dez anos de idade. O programa tinha duração entre 9 e 15 minutos e não contava com intervalos, ou seja, era exibido de forma ininterrupta, dividido em quatro quadros: **Repórter; Gira Girou; É nós; e você viu?** Os episódios também eram disponibilizados no canal do YouTube da emissora.

Algo importante a ser mencionado é que não se trata de um telejornal, mas sim de um programa audiovisual com notícias e histórias para crianças, mas com diversas características do jornalismo: reportagens, notas cobertas¹⁵ e entrevistas, mas sem o tradicionalismo dos telejornais aos quais estamos habituados.

Como a proposta do Wadada, mencionada em seu site, é a inclusão de crianças e jovens nas notícias, é possível perceber de imediato, ao assistir o Repórter Rá Teen Bum, que o protagonismo infantil é o ponto forte do programa.

Método

Para atingir aos objetivos deste estudo, optou-se por uma pesquisa de natureza básica, objetivo exploratório, abordagem qualitativa por meio de um estudo documental. Para compor o corpus, foram escolhidos o material o programa 1, publicado em 29/07/2016, e o programa 36, em 04/06/2018, primeiro e último episódios postados. O objetivo foi perceber como se dava a participação infantil nos conteúdos produzidos pelo Repórter Rá Teen Bum, por meio de uma análise descritiva dos programas.

Resultado e discussões

¹⁵ Nota Coberta – Texto coberto com imagens. Pode estar gravado;

Nos dois episódios analisados, 25 crianças e adolescentes foram ouvidos nas temáticas discutidas. Apenas três adultos foram entrevistados.

Tabela 1. Quantitativo de crianças e adultos que participaram dos programas 1 e 36 do Repórter Rá Teen Bum

| | Crianças | Adultos |
|--------|----------|---------|
| PGM 1 | 15 | 2 |
| PGM 36 | 10 | 1 |

Fonte: autoria própria

Os dois programas juntos somam 24 minutos e 57 segundos (PGM 1: 11,32; e PGM 36: 13,28), do tempo total as crianças e adolescentes participam de 13 minutos, como entrevistadas ou repórter, e os adultos aparecem em 31 segundos, apenas como entrevistados. Ou seja, a inclusão do público infantojuvenil ocupa metade ou mais da metade do tempo dos programas. Destaque para o quadro “Repórter” do PGM 36, que tem duração de 4,16 e em 3,33 as crianças estão sendo ouvidas sobre a temática abordada.

Participação das crianças como personagens das matérias

Imagem 1



Imagem 2



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ¹⁶

Na Imagem 1, na reportagem sobre religião, no programa 36, a menina Oni fala sobre o candomblé, sua crença e neste mesmo episódio, na imagem 2, a Heloisa explica como é morar na primeira vila operária do Brasil, Paranapiacaba. Já na imagem 3, no programa 1, o nome da entrevistada não é divulgado, mas a criança conta sobre a importância de saber usar o dinheiro. A matéria fala sobre educação financeira nas escolas de Curaçau e é exibida dentro do quadro Gira Girou.

É importante mencionar que essa conta que fizemos sobre o tempo de participação das crianças no Repórter Rá-Teen-Bum retrata apenas as que participaram

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em: 16/07/2022

como entrevistadas ou repórteres. Já os adultos aparecem apenas como entrevistados. Não há repórteres adultos aparecendo em frente às câmeras. Então, fazendo uma análise de outras funções percebemos que a participação infantil é ainda maior. Já que são ouvidas vozes de crianças também nos offs¹⁷, em especial, naqueles materiais de outros países enviados pelo Wadada, para o quadro Gira Girou. Como os personagens principais dessas matérias e reportagens, crianças e adolescentes, falam outras línguas, as vozes usadas para a tradução são de crianças e adolescentes brasileiros. Apenas no PGM 36, ouve-se uma voz masculina adulta no início deste quadro. Ela se sobrepõe ao off de um adolescente falando espanhol. O conteúdo é sobre a Olimpíada Científica na Bolívia.

Mas, a voz mais ouvida nos offs é a de Nathalia Falcão, apresentadora do Repórter Rá Teen Bum. Assim como nos programas jornalísticos tradicionais, podemos considerá-la uma peça fundamental, já que sua desenvoltura e segurança diante das câmeras contribuem para a confiança do público naquilo que ela diz. O fato de ser uma adolescente ajuda também na familiaridade que os telespectadores sentem ao vê-la na condução dos episódios, o que acreditamos gerar um acolhimento mais positivo por parte desse grupo, já que se veem representados numa função dominada pelos adultos.

Imagem 4. Apresentadora Nathália Falcão no programa 1



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!¹⁸

A respeito dos repórteres, como já mencionado, não são vistos, nas frentes das câmeras, adultos nessa função. Nem mesmo a mão dessas pessoas é exibida, porque existe uma preferência pelo uso de microfones lapelas. As crianças e adolescentes

¹⁷ Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

também não são frequentes neste lugar no Repórter Rá Teen Bum Só em apenas um momento vemos um adolescente com atuação semelhante a um repórter.

No quadro “É nós”, do PGM 1, a reportagem é conduzida pelo Paulo Henrique de 17 anos, que era, à época, um jovem aprendiz na Fundação Padre Anchieta. Como a narrativa era sobre o que faz um jovem aprendiz, Paulo conta sua própria história. Uma câmera fica o acompanhando, dando a sensação de movimento, e Paulo, com um microfone lapela, vai dizendo o que faz. Inclusive, ele entrevista o gestor da discoteca Padre Anchieta, perguntando sobre o acervo do local.

Imagem 3. Paulo Henrique atuando como repórter no quadro “É nós”, do programa 1



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ¹⁹

Os adultos têm pouco espaço no Repórter Rá Teen Bum, nos dois programas analisados apenas três participaram. O já mencionado gestor da discoteca Padre Anchieta, Paulinho, no PGM 1; e o Eric, morador da primeira vila operária planejada do Brasil, Paranapiacaba, tema do quadro “É Nós”, do PGM 36. Destaque para a participação de uma professora, que não tem sequer seu nome citado, nem mesmo no gerador de caracteres²⁰. Sua voz é ouvida no PGM 1, no quadro Gira Girou. Como ela é da África do Sul, existe o off da tradução na voz da apresentadora Nathália. Existem outras duas participações de adultos, mas não como entrevistados, apenas cobrindo o material.

No Gira Girou, do PGM 1, é possível ver e ouvir um professor perguntando aos seus alunos quem sabe nadar, a temática era a importância das aulas de natação para

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

²⁰ Equipamento para inserir indicações escritas sobre imagens. Podem ser os nomes e as profissões dos entrevistados, tarjas com números citados numa reportagem ou a identificação do local de onde fala o repórter.

crianças em Bangladesh. Já no PGM 36, no quadro *Você Viu?* Ouvimos apenas uma voz feminina adulta convidando a Isadora, de 4 anos, a deixar o celular para brincar “lá fora”, ao que a criança responde negativamente. As demais participações de adultos são nas imagens que cobrem os offs, como na reportagem sobre duas crianças refugiadas da guerra na Síria, no PGM 1. Os pais de Yara, 10 anos, e Riad, 13 anos, aparecem, mas não são ouvidos em nenhum momento. Ou seja, toda a narrativa de imigrantes é contada pelos irmãos, que falam sobre o trajeto feito para chegar ao Brasil, o processo de adaptação à nova língua, suas rotinas em casa e sobre a religião muçulmana.

Imagem 3. Eric fala sobre a vila operária Paranapiacaba no programa 36



Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum! ²¹

Existe uma única matéria em que crianças ou adolescentes não são entrevistados. No quadro *Você Viu?* do PGM 1, quando é contada, na forma de nota coberta, a história da primeira arara azul nascida em cativeiro no Brasil, o Teobaldo. O off é da apresentadora, que por se tratar de uma adolescente, consegue garantir a participação infanto-juvenil nesse conteúdo.

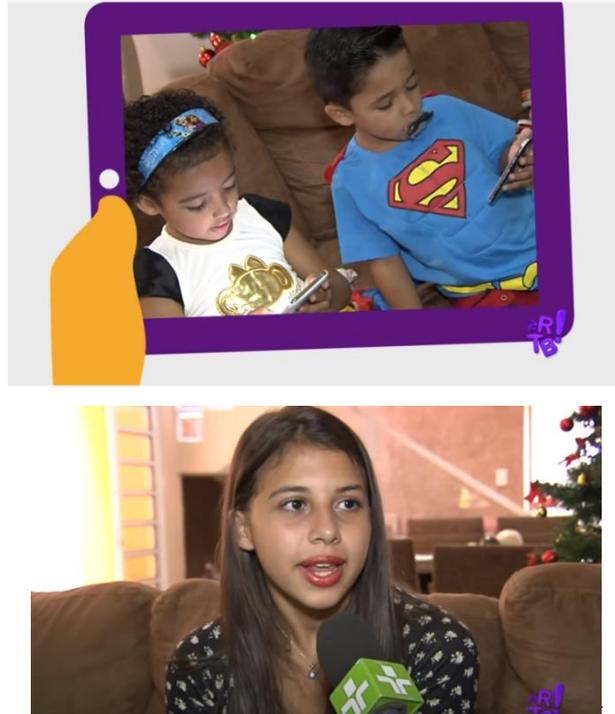
A visibilidade à criança e ao adolescente é tão importante no Repórter Rá Teen Bum, que em alguns casos, os nomes dos personagens são destacados na cabeça da matéria ²²lida pela Nathália, além de aparecer no gerador de caracteres. Há também momentos em que a criança não foi ouvida, mas seus nomes e idades destacados, como no quadro *Você Viu?* do PGM 36, onde três crianças são personagens, mas apenas uma

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

²² Texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

fala, a mais velha. A história das outras duas, que tinham quatro anos, foi contada por meio do off, como podemos ver na Imagem 4.

Imagem 4. Participação das crianças como personagens das matérias



Fonte: Fonte: Canal do Youtube da TV Rá Tim Bum!²³

A análise dos dois episódios, e é importante dizer que o Repórter Rá Teen Bum segue o mesmo formato nos demais, nos mostrou que o Wadada consegue cumprir com sua proposta de fazer as crianças saberem e serem conhecidas. A iniciativa evidencia o quanto o público infantojuvenil pode contribuir com as narrativas jornalísticas, seja qual for o assunto tratado, respeitando claro uma abordagem que respeite as singularidades desse grupo.

Um programa pensado para o infante, que oferta uma diversidade de assuntos de maneira muito educativa e principalmente crítica, permitindo outras maneiras de olhar o mundo e de refletir sobre questões da sociedade. Como exemplo, citamos a reportagem sobre religiões que trouxe uma explicação, na perspectiva infantil, a respeito de crenças que sofrem com a intolerância, como xamã, budismo e candomblé. Foi muito importante e interessante ouvir as crianças falando sobre suas relações com essas religiões.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvratimbum/featured>. Acesso em 16/07/2022

Defende-se assim que o Repórter Rá Teen Bum atende umas das principais defesas da Sociologia da Infância, mencionada em nosso referencial teórico, o protagonismo infantil. Ao dar voz a criança e validar suas opiniões, o programa consegue colocá-la em lugar de destaque e de valorização, as fazendo compreender que existe no jornalismo e na sociedade um espaço para elas. Que suas visões e percepções sobre os mais variados assuntos são fundamentais, o que gera um sentimento de autonomia para falar, a criança passa a entender que deve se expressar. Além disso, o Repórter Rá Teen Bum cumpre o Art.13.1 da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, trazida em nossa introdução, que garante a essas pessoas que estão no começo da vida à liberdade de expressão, ou seja, assegura seu direito de participação, gerando o que entendemos como cidadania infantil.

Conclusão

O Repórter Rá Teen Bum preencheu durante seus anos de exibição uma importante lacuna quando falamos de jornalismo infantil na TV aberta brasileira. O programa conseguiu não apenas incluir as crianças na narrativa jornalística, mas gerar um protagonismo infantil, as tendo como suas principais personagens. Garantindo o direito à participação social desse grupo.

Muitos profissionais da área alegam que há restrições jurídicas para ouvir crianças, mas não existe nenhuma lei que proíba esse público de ser ouvido, desde que atendidos os cuidados éticos e legais. Essa limitação ocorre apenas em casos onde a criança foi vítima de algum tipo de violência. Sim, é preciso de uma autorização por escrito dos responsáveis legais para que as crianças possam conceder entrevistas, e muitos jornalistas usam isso como muleta para cortá-las da narrativa, argumentando a velocidade que o telejornalismo exige.

Mas como já mencionado, não estamos falando de um favor, e sim de um direito desse público. Existem diversas maneiras de levar jornalismo ao infante, mas o que percebemos é que há uma negligência, e isso tem a ver com a visão que temos sobre o papel e o lugar das crianças na sociedade e do jornalismo, já que entendemos que esse é apenas para adultos.

A criança, independente como ela é, demarca de muitas formas o seu lugar, teimosamente elas falam, produzem conteúdos, consomem notícias e as processam de

acordo com suas percepções de mundo. E é sabendo disso que esse estudo trouxe uma análise do Repórter Rá Teen Bum, acreditando que um jornalismo feito para elas as ajudará a desempenhar um papel ativo no espaço público, além de ter seu direito de participação garantido.

Defende-se que a presente pesquisa atendeu ao seu objetivo, porém é importante apresentar as limitações deste estudo, uma vez que analisou apenas duas edições de um único programa infantil, que não está mais em produção. Assim, os achados não podem ser generalizados para outras realidades fora do escopo analisado.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CUSTÓDIO, Michele Letícia; MACIEL, Suely. **Programação radiofônica e infância: temática, estilo e forma composicional de programas informativos voltados para o público infantil**. Revista Alterjor. Ano 10 – Volume 02 Edição 22 – Julho-Dezembro de 2020.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel: Jornalismo infantil na ‘Folhinha’ e no ‘Estadinho’**. 1. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, p.150. 2010.

PINTO, Manoel. **As crianças contextos e identidades**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto. A infância como construção social. Universidade do Ninho – Centro de estudos da criança, 1997. P.33 a 71.

PEREIRA, Heron Ledon. **Jornalismo Rá-Tim-Bum: uma proposta de vínculos entre imprensa, escola e criança**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, p. 125. 2018.

SARMENTO; Manuel Jacinto; MARCHI, Rita de Cássia. **Radicalização da infância na segunda modernidade: para uma Sociologia da Infância crítica**. Revista Configurações. v.4, 91-113. 2008.

SIROTA, Régine. **Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar**. Cadernos de Pesquisa, nº 112, março/ 2001.

TAVARES, Patricia Raffaini **A Voz da Infância: um jornal escrito para as crianças pelas crianças, 1936-1948**. Trashumante. Revista Americana de Historia Social, núm. 8, Julho-Dezembro, pp. 84-107 , 2016.

UNICEF. **Convenção sobre os direitos da Criança**. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 25 fev.2022.